

4468

Tembé se pintam para a guerra

COM TINTAS VERMELHAS NO ROSTO, LÍDERES GARANTEM QUE SE O GOVERNO NÃO AGIR RÁPIDO PODE HAVER VIOLÊNCIA NA RESERVA ALTO RIO GUAMÁ

WARNER FILHO

CAPITÃO POÇO - Com os rostos pintados de vermelho - símbolo de guerra - os índios da tribo Tembé que estiveram reféns de posseiros na semana passada garantem que não vão mais aceitar invasões na reserva do Alto Rio Guamá, onde vivem. O líder de uma das aldeias da tribo, Edinaldo Tembé, jurava vingança contra os posseiros, no sábado. "Quem entrar na nossa terra vai morrer, seja pequeno, grande, homem ou mulher", dizia. Cerca de 1.500 posseiros ocupam a reserva, de 280 mil hectares, a 250 quilômetros a leste de Belém, espalhados em mais de 100 comunidades. Além deles, também estão na área diversos fazendeiros. Uma das fazendas, segundo colonos e índios, tem 6 mil hectares.

Os índios estão reunidos desde sexta-feira discutindo o que fazer contra a ocupação da reserva. Ontem eles aceitaram receber os jornalistas que cobrem o conflito. Antes, porém, os repórteres foram advertidos de que os líderes não falaria sobre as atitudes que pretendem tomar para tirar os colonos de suas terras. Valdeci Tembé, que funcionou como porta-voz do grupo, disse que os índios esperam que o governo federal resolva rapidamente o problema. "Se houver negociação, não vai ter violência. Se eles agirem rápido, não haverá problemas. Caso contrário, não sei o que pode acontecer", disse, acrescentando que o clima na reserva é de revolta.

Está marcada uma reunião para hoje, em Belém, com representantes dos índios, dos colonos, Incra, Funai e Ibama para tentar encontrar uma solução para o problema. Os índios reclamam que os posseiros brancos, além de invadir a reserva para plantar e criar gado, fazem extração ilegal de madeira e cultivam maconha na área.

Os desentendimentos começaram há cerca de 20 dias, quando o Ibama iniciou uma operação para fiscalizar a extração de madeira na reserva, a partir de denúncias dos índios. Foi apreendido um carregamento de 400 metros cúbicos



Os índios na apertada cela de Vila Livramento: a humilhação pode resultar em vingança para os tembés

de toras (cerca de 40 árvores grandes). Logo depois, o Ibama liberou a carga.

Isso revoltou os índios, que foram até uma das vilas dos posseiros, na quarta-feira passada, para cortar as toras e queimá-las. Mas, além disso, causaram diversos prejuízos: mataram vacas, ovelhas e galinhas, cortaram pneus de bici-

cletas e fizeram outros estragos. Os colonos prenderam o grupo de 77 índios, apreenderam flechas e cerca de 50 rifles (que não foram devolvidos) e os mantiveram como reféns durante três dias. Além disso, queimaram duas camionetas da Funai usadas por eles. Os índios também reclamam que os colonos ficaram com cerca de R\$ 1.000

reais que o grupo trazia para viajar a Belém.

Os posseiros advertem que se os índios voltarem a Vila Livramento pode haver novo conflito. "E não sei nem se vai dar tempo de avisar as autoridades", advertiu um dos posseiros, José Lúcio Ferreira de Aguiar, 46 anos, há 24 na posse, onde tem 50 hectares. "Se eles quebrarem o contrato, ninguém sabe o que acontecerá", confirma o líder dos posseiros, Humberto Alencar, o Paraíba. O contrato é um acordo assinado por representantes de colonos, índios, Ibama, Incra e Funai, onde se estabelece uma espécie de trégua e o compromisso de encontrar soluções para o conflito.

Os posseiros reclamam que precisam da terra para viver e que os índios não usam toda a área. Os índios dizem que aproveitam a terra de maneira diferente. "Os brancos são burros, não entendem que nossa cultura é diferente, que a gente não derruba as árvores porque usa as coisas da mata, e quando termina alguma coisa numa área a gente vai pegar na outra e esperar que a primeira se recupere. Não somos como os brancos que devastam tudo", disse Valdeci.

O MAIOR DOS CONFLITOS

Os conflitos no município de Garrafão do Norte são o retrato da eterna disputa pela terra entre brancos e índios. A reserva do Alto Rio Guamá, onde vivem cerca de 1.200 índios das tribos Tembé, Kaapor, Guajajara e Timbira, tem 280 mil hectares, o suficiente para assentar cerca de 2 mil famílias de agricultores.

As notícias dos primeiros colonos na área indígena são dos anos 60. A colonização foi incrementada a partir dos anos 80. Hoje, cerca de 1.500 colonos ocupam a reserva. Os posseiros argumentam que jamais os índios ou o governo federal reclamou da presença deles na área, até o

conflito da semana passada. Já os índios dizem que nunca fizeram nada porque não havia tanta gente ocupando a reserva e a devastação não era tão grande.

Ninguém em Vila Livramento, no município de Garrafão do Norte, onde está parte da reserva, se lembra de outro conflito como esse. A maioria dos posseiros é migrante dos Estados do Nordeste, fugitivos da seca. Um dos fazendeiros que também ocupam as terras dos índios derrubou, num só ano, segundo um ex-funcionário da fazenda, mais de 6 mil hectares de matas para fazer pastagem para o gado.

PAULO AMORIM